

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO SALA DE AULA: O COTIDIANO DE APROPRIAÇÕES DE DOCENTES EM UMA PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

Filipe Cabacine Lopes Machado (UFES) - filipe_kabasa@hotmail.com

Talita Almeida Fernandes (UFES) - talitaafernandes16@gmail.com

Alfredo Rodrigues Leite da Silva (PPGADM/UFES) - alfredoufes@gmail.com

Resumo:

O presente artigo tem o objetivo de discutir a apropriação do espaço sala de aula, em disciplinas dos cursos de Mestrado e Doutorado em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo. A articulação teórica se baseia em contribuições de Certeau (2007) e sua análise da vida cotidiana, em torno dos conceitos de espaço, lugar, estratégia e tática, que permitiram realizar a análise das práticas de docentes em relação à sala de aula. Utilizamos como técnicas de coleta de dados a observação participante e entrevistas semiestruturadas. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo. Os resultados indicaram diferentes estratégias e táticas praticadas pelos docentes em relação ao uso do espaço sala de aula, evidenciando o potencial analítico das “artes de fazer” dos sujeitos em torno do Ensino em Administração.

Palavras-chave: *Espaço, Lugar, Sala de aula, Professor, Ensino na Pós-graduação em Administração.*

Área temática: *GT-02 O Lugar do Espaço nos Estudos Organizacionais: Espacialidades, Materialidades, Territorialidades*

1. Introdução

Os processos de urbanização, crescimento populacional e industrialização no final do século XIX, influenciaram o desenvolvimento no Brasil, principalmente no que tange à busca por trabalho e educação. Neste contexto emergiu a necessidade da profissionalização do administrador com o intuito de lidar com a complexidade dos meios de produção (SOUZA; WAIANDT; JUNQUILHO, 2015, p.131).

Dessa maneira surgiram os cursos de administração, que são influenciados por diversos aspectos, como as alterações na economia (CEZARINO; CORRÊA, 2015), e que têm sido questionados de maneira recorrente com base nessa diversidade. Por exemplo, Maranhão (2010) e Ribeiro e Sacramento (2009) questionam a validade dos currículos dos cursos de administração ao considerarem a pouca ênfase na capacidade reflexiva. Perrenoud (2000) volta o foco de seu questionamento para as competências dos docentes e afirma que essas competências estão diretamente relacionadas à capacidade do professor vincular os conteúdos apresentados aos objetivos de aprendizagem propostos.

Com base em elementos dessas abordagens este artigo discute a apropriação do espaço sala de aula no ensino em Administração, mais especificamente, em um mestrado em Administração. Para tanto se alinha a pesquisas no âmbito dos estudos organizacionais direcionadas a compreender a vida cotidiana das organizações em Certeau (2007). Trabalhos como de Oliveira e Cavedon (2012), Faria e Silva (2015), Junquillo, Almeida e Silva (2015), Silva, Carrieri e Souza (2012) e Carrieri, Perdigão e Aguiar (2014), demonstram a importância da utilização de Certeau (2007) para compreender a vida cotidiana nas organizações, sejam elas: circenses, ligadas ao turismo, escola pública, empresas de pequeno porte e as estratégias enquanto práticas sociais. Esses trabalhos evidenciam diferentes apropriações realizadas por praticantes em estratégias e táticas cotidianas que permitem compreender as noções de espaço e lugar em Certeau (2007).

A proposta se volta para a reflexão sobre o diálogo entre o ensino e a pesquisa em administração e a vida cotidiana em um curso de pós-graduação *stricto sensu*, de modo a compreender as práticas dos professores referentes às diferentes apropriações do espaço sala de aula, à luz dos escritos de Certeau (2007). O espaço sala de aula é tratado como capaz de articular os processos de comunicação, os níveis de interatividade interpessoal e as relações de poder (TEIXEIRA; REIS, 2013).

Vale destacar que não pretendemos neste estudo avaliar os currículos, as competências dos docentes ou as metodologias de ensino utilizadas, considerando uma visão estritamente didática ou pedagógica, ou em outras palavras, pensando na melhor maneira de se realizar a tarefa de ensinar Administração, mas reconhecer a importância desses fatores e realçar a influência das práticas dos professores, considerando as diferentes apropriações do espaço sala de aula.

Tal empreitada assume a importância da visualização das práticas cotidianas no contexto escolar (DURAN, 2012), admitindo como base epistemológica os escritos de Certeau (2007). Neste sentido, alguns estudos se colocam neste debate ao evidenciarem as táticas dos professores em relação à implantação de novas tecnologias de ensino (ALMEIDA; NETO, 2015) e as diferentes práticas relacionadas às implementações dos currículos propostos (GARCIA; OLIVEIRA, 2011). Em todos os casos, o importante a se ressaltar é que, embora existam diversas formas de intervenção externa no contexto da educação, o professor é considerado o praticante que circunscreve exigências para com a sala de aula, em termos de políticas, conteúdos, currículos e organização do espaço de modo geral, este último foco de análise de nosso estudo.

Embora a utilização do espaço não seja classificada como método, as práticas cotidianas assumem vital importância na compreensão de como os professores e gestores escolares lidam com as políticas de educação (DURAN, 2007a). Enquanto os métodos de ensino são reconhecidamente alinhados aos objetivos específicos das disciplinas (PLEBANI; DOMINGUES, 2009), o espaço físico, segundo autores como Certeau (2007), Augé (2012), Chanlat (2006, 2010) e Lefebvre (1974), pode ser visto como um espaço vivido e pensado e de constante construção social. Segundo Certeau (2007), o espaço assume a concepção de lugar praticado, em que os sujeitos realizam suas transgressões através do consumo não passivo de ordens estabelecidas. A relevância deste artigo está em levar a riqueza dessa abordagem e suas contribuições ao se refletir sobre a sala de aula na pós-graduação *stricto sensu* como um lugar praticado. Ou seja, um espaço no qual o ensino da administração é articulado, com implicações para a importância e representatividade dos cursos de administração no Brasil ainda a serem compreendidas. O que legitima a problematização da seguinte questão: como docentes que ministram disciplinas no Mestrado e Doutorado em Administração da UFES se apropriam do espaço sala de aula?

Para realizar a referida problematização, após essa introdução, este artigo está dividido em seis partes: uma breve introdução sobre o ensino em administração; uma discussão sobre abordagens que tratam do espaço nos Estudos Organizacionais; a articulação de algumas contribuições de Michel de Certeau para os temas em tela; a descrição do percurso metodológico adotado na pesquisa; o confronto entre os dados empíricos obtidos e as bases teóricas articuladas; por fim, são apresentadas as considerações finais do estudo.

2. O ensino em administração

Segundo Alcadipani e Bertero (2014) foi no final do século XIX e início do século XX que a Administração surgiu enquanto curso e profissão, principalmente nos Estados Unidos e na Europa. No contexto brasileiro, cerca de 60 anos após a criação de uma das escolas de Administração pioneiras do Brasil, a Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP), o curso de administração se disseminou (ALCADIPANI; BERTERO, 2014). Atualmente, a procura pelos cursos de Administração no cenário brasileiro é notável, assim como foram as alterações que ocorreram no modo de ensinar nessa área (CEZARINO; CORRÊA, 2015).

A “visão de mundo mecanicista e dividido, enfatizada pela ciência moderna” favoreceu a criação de currículos fragmentados, mas a dinâmica econômica das empresas do século XX e XXI alterou o “modelo de ensinar” (CEZARINO; CORRÊA (2015, p. 752). Essas alterações são investigadas nos estudos sobre ensino em Administração por meio de diversas abordagens. Alguns estudos questionam a validade dos currículos dos cursos de administração, ao serem concebidos sobre uma visualização estritamente técnica (Maranhão, 2010; Ribeiro e Sacramento, 2009), outros enfatizam as competências dos docentes que, segundo Perrenoud (2000), estão diretamente relacionadas à capacidade expressa pelo professor ao vincular os conteúdos aos objetivos de aprendizagem e em desenvolver com êxito as situações de ensino. Outros estudos afirmam a importância da metodologia nesse discurso ensino-aprendizagem e como alguns professores ainda tem pouco domínio sobre os diferentes métodos (FISHER, 2006; POLLI et al. 2008).

Dentre essas diferentes óticas sobre o que deve ser tratado ao estudar o ensino de Administração no Brasil, este estudo assume uma característica diferente dos acima citados, pois analisa as práticas cotidianas dos professores para discutir a apropriação do espaço sala de aula. Acreditamos que essa ótica oferece uma perspectiva alternativa

para o debate, uma vez que os professores são os praticantes envolvidos em boa parte das contribuições oferecidas pelos estudos sobre o ensino em Administração. A utilização do espaço não é considerada como método de ensino, mas neste artigo defendemos a sua importância para a execução das aulas (NOVELLI, 1997).

Os métodos de ensino são concebidos para se alinharem aos objetivos específicos das disciplinas (PLEBANI; DOMINGUES, 2009), mas ao serem praticados existem múltiplas possibilidades com implicações para o ensino. De maneira semelhante, o espaço físico pode ser tratado apenas como algo concreto, a ser alinhado aos objetivos específicos das disciplinas, mas ao ser considerado como um lugar praticado ele envolve implicações mais complexas para o ensino.

Segundo autores como Certeau (2007), Augé (2012) e Lefebvre (1974), o espaço pode ser visto para além de uma configuração física, como um espaço vivido e pensado, que pode adquirir diversas reconfigurações e ressignificações de acordo com as diferentes apropriações. Concordando com a relevância dessas abordagens, defendemos a importância de adotar as perspectivas sobre o espaço como construção social nos Estudos Organizacionais e, especificamente no foco deste artigo, de compreender como docentes se apropriam do espaço sala de aula no ensino da Administração.

3. O espaço nos Estudos Organizacionais

No campo dos estudos organizacionais são adotadas diversas abordagens sobre espaço e lugar. Com base em Lefebvre (1974), por exemplo, os trabalhos adotam a noção de produção do “espaço social”, relacionado com o advento do capitalismo, suas transformações nas conjecturas urbanas e suas influências na vida social. Certeau (2007) utiliza a terminologia “espaço” para designar um lugar praticado. Augé (2012) estuda os lugares antropológicos e utiliza a dicotomia entre “lugar” e “não lugar”, evidenciando as diferenças nos espaços sociais. O uso desses diferentes autores nos Estudos Organizacionais tem em comum o destaque dado à importância de estudar o espaço como uma categoria social, que nos auxilia na compreensão do mundo organizacional (CHANLAT, 2010), mas cada um desses autores oferece contribuições distintas.

Segundo Lefebvre (1974) à medida que o capitalismo se desenvolveu, o conceito de espaço passou por uma mudança nas formas de produção, “que passa da produção no espaço para a produção do espaço” (LEFEBVRE, 1974, p.219, tradução nossa). Podemos dizer que a perspectiva de espaço social do autor é baseada nas implicações dos avanços do capitalismo para a mudança dos espaços físicos. Para o autor o conhecimento resulta na capacidade de controlar os espaços, introduzindo um movimento dialético que define o espaço como “espaço dominante” e “espaço dominado”. Dessa forma, ele reforça que o capitalismo passou a não se apoiar apenas sobre as empresas e o mercado, mas também sobre o espaço e a vida social. A sobreacumulação do capital e a noção de propriedade privada influenciaram o surgimento da indústria do ócio e transformaram os espaços antes utilizados para consumo em espaços dominados e com o intuito de serem consumidos (LEFEBVRE, 1974). Antes adotado como um espaço destinado à produção, agora pode ser considerado um espaço ótico que origina problemas de imagens, signos, e que é voltado somente aos olhos (LEFEBVRE, 1974).

Com reflexões distintas, Certeau (2007) apresentou uma abordagem que diferencia lugar e espaço, caracterizando o primeiro como algo que indica estabilidade, como “uma configuração instantânea de posições” (CERTEAU, 2007, p.201) e o segundo como “um lugar praticado” (CERTEAU, 2007, p.202), ou seja, um lugar vivido. Dedicaremos em momento posterior uma análise mais profícua de espaço e lugar para Certeau (2007), uma vez que são suportes de análise deste estudo.

Augé (2012), apesar de também trabalhar com as concepções de lugar e espaço as articula de outra maneira, pois considera que “espaço”, se comparado a “lugar”, pode ser considerado um termo mais abstrato. Na perspectiva de Augé (2012) o espaço representa a distância entre dois pontos ou uma grandeza temporal. O autor apresenta uma abordagem utilizando as terminologias “lugar” e “não lugar”. Para Augé (2012) um lugar pode ser definido como lugar antropológico e possui como características o fato de ser identitário, relacional e histórico. Fantinel e Cavedon (2010, p.12) explicam essas características como: (1) identitário por ser o lugar que constitui a identidade, ou seja, “o espaço representa para o indivíduo um conjunto de possibilidades, prescrições e proibições de conteúdo tanto espacial quanto social”; (2) relacional por ser um espaço em que o indivíduo se relaciona com as pessoas, com o mundo e também com o próprio lugar; (3) histórico uma vez que pode ser classificado como “lugar de memória”, pois possui forte carga simbólica concretizada “no e pelo tempo”. Com base nessas características Augé (2012) afirma que um espaço que não pode ser identificado como identitário, relacional ou histórico deve ser considerado um “não lugar”. O autor completa, ainda, que “o lugar e o não lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente” (AUGÉ, 2012, p.74).

Augé (2012) defende a hipótese de que a supermodernidade é responsável pela produção de não lugares. Segundo ele, oposto aos “lugares de memória”, os não lugares podem ser considerados lugares de passagem, são as “superfícies não simbólicas do planeta” (AUGÉ, 2012, p.77). De acordo com o autor a circulação nos não lugares é caracterizada pela padronização no atendimento e na prescrição, proibição ou informação através de mensagens transmitidas por painéis e cartazes, fazendo com que os indivíduos não interajam com enunciadores, mas com textos. Estudos como os de Xavieret al. (2012), Fantinel e Cavedon (2010), Fantinel e Fischer (2012) e Ipiranga (2010) utilizam o conceito de lugar de Marc Augé aplicado às organizações para demonstrar a importância da abordagem do lugar para o campo da administração.

Certeau (2007) não opõe os “lugares” aos “espaços” como Augé (2012) faz com os “lugares” e “não lugares”. Convergindo com esta concepção Silva, Lyrio e Martins (2011) destacam que são os pedestres e viajantes que circulam na rua e no aeroporto que transformam esses lugares em espaços. De maneira semelhante, neste artigo adotaremos o entendimento de que o limite físico do espaço sala de aula é um lugar que interage com a aprendizagem para analisar as práticas cotidianas dos professores. “Pode-se pensar no espaço de uma sala de sala como um lugar alheio, um local que não é do professor, é um espaço público; o que ocorre ali são ações concretas, marcadas pela criação, a partir do que lhe é imposto” (GOULART, 2013, p.5). Neste sentido, apresentaremos com maior ênfase as noções de espaço e lugar para Certeau (2007), tendo em vista a intenção deste estudo em visualizar a vida cotidiana e as diferentes apropriações dos espaços pelos docentes no contexto observado.

4. Certeau: espaço, lugar e educação

Antes de nos aprofundarmos nos conceitos de lugar e espaço evidenciados nas propostas de Certeau (2007), apresentaremos brevemente algumas contribuições dos pensamentos do autor para o estudo da vida cotidiana. Nesse sentido, destacamos três aspectos característicos da posição de Michel de Certeau na construção de seus escritos (DURAN, 2012): a) uma sensibilidade política e estética que permite a visualização de diferenças significativas na vida cotidiana, característica diferente a outros autores, que no mesmo âmbito vêm homogeneidade e uniformidade; b) o compromisso em narrar “práticas comuns”, as “artes de fazer dos mais fracos” e as operações astuciosas dos

sujeitos ordinários; c) seu rigor e sua reflexividade sobre história, filosofia e epistemologia, que fazem Certeau (2007) dedicar seus escritos ao “homem ordinário”, ao “herói comum” e anônimo.

Certeau (2007) direciona suas lentes para a compreensão da vida cotidiana por dentro, nas escrituras dos usos dos espaços pelos sujeitos praticantes, dando voz a pessoas “ordinárias” e aos “heróis comuns”. Duran (2012) chama a atenção para a metáfora do indivíduo, o qual permanece sentado no topo do *World Trade Center* e observa a cidade. No entanto, esta característica panóptica para Certeau (2007) não se refere a melhor posição para compreender a dinamicidade da vida cotidiana na sociedade. De acordo com Duran (2012), o autor utiliza esta metáfora justamente para chamar a atenção para a visualização dos sujeitos “transeuntes”, deixando a análise sobre o indivíduo a partir do topo do edifício para Michel de Foucault. Neste cenário, considerando a utilização de Certeau (2007) como base epistemológica deste estudo, acreditamos que as pesquisas sobre o cotidiano escolar devem ser vistas por dentro das escrituras das práticas cotidianas dos sujeitos (DURAN, 2007 b), sejam eles docentes, discentes, gestores escolares ou quaisquer outros praticantes que venham a fazer parte da vida educacional.

Além dessas bases epistemológicas das propostas de Certeau (2007), considerando os objetivos deste artigo, cabe destacar as concepções de lugar e espaço nas perspectivas do autor. Tais terminologias não são antagônicas ou objetos distintos no pensamento do autor. O lugar vem de uma concepção de próprio, de estabilidade.

Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. (Certeau, 1994, p.201).

Considerando a concepção de lugar e admitindo suas características de próprio e estável, Certeau (2007) metaforiza lugar como a palavra, e o espaço como a palavra falada, ou os usos das palavras pelos sujeitos praticantes. De maneira mais específica, a definição de espaço para Certeau (2007, p.202) é a seguinte: “o espaço é um lugar praticado”. Desta forma, espaços e lugares não são dimensões antagônicas, ou opostas, eles fazem parte de um mesmo objeto de análise para Certeau (2007). Lugares e espaços podem ser simultaneamente os mesmos do ponto de vista do aspecto físico, entretanto, tendo em vista a vida cotidiana em Certeau (2007), os espaços dão vida aos lugares, através do que o autor chama de relatos dos espaços. Os relatos de espaços, ou as práticas cotidianas, fazem referência, portanto, à capacidade dos sujeitos de transformarem os lugares em micro rupturas na vida social.

Contextualizando as definições de espaço e lugar no âmbito desta pesquisa, consideramos como lugar a sala de aula e como espaço as diferentes apropriações dos sujeitos para com este lugar. Entretanto, visto a multiplicidade de apropriações do espaço sala de aula, que passa por gestores escolares, docentes e discentes, entre outros, pretendemos nesta pesquisa analisar as apropriações dos professores de um curso de pós-graduação *Stricto Sensu* em Administração. Assim como propõe Certeau (2007), para a compreensão dessa dinâmica que envolve essa relação entre lugar e espaço, analisaremos o que o autor identifica como estratégias e táticas cotidianas. Tais conceitos são vistos como centrais para o entendimento da vida cotidiana baseada na teoria social do autor (SILVA; CARRIERI; JUNQUILHO, 2011).

A concepção de estratégia cotidiana em Certeau (2007) se difere substancialmente da definição de estratégia organizacional, nos moldes do *mainstream* em administração. O autor trata a estratégia como mecanismo de articulação social, concebido em um “lugar próprio” de poder, em uma ordem estabelecida por um direcionamento de forças. Neste sentido, as estratégias permeiam as vidas cotidianas dos sujeitos, em práticas nas quais se articulam. O estrategista para Certeau (2007) se situa no lugar próprio, com poder privilegiado no contexto social, as estratégias surgem vinculadas a esse lugar de poder, que as legitima, e se voltam para a manutenção do status de poder vigente.

Mas essa manutenção para Certeau (2007) não significa o pleno domínio e a simples submissão dos praticantes. O autor destaca os espaços de transgressão, em que os sujeitos, não privilegiados por “lugares próprios” de poder, rearticulam elementos das estratégias por meio do estabelecimento de táticas. Ao utilizar desses elementos erguidos no lugar próprio da estratégia, a rearticulação “astuciosa” desses “sujeitos ordinários”, evidenciada por Certeau (2007), permite a realização de bricolagens em práticas que transgridam a ordem estabelecida, contudo, essa “astúcia” não possui a intenção de eliminar as estratégias, ela apenas utiliza elementos delas em micro situações sociais envolvendo interesses específicos, divergentes daqueles legitimados nas estratégias. Essas rupturas táticas, articuladas com as estratégias, são realizadas por meio de micro ações executadas pelos sujeitos praticantes.

Segundo Certeau (2007), no cotidiano os sujeitos, ora podem estar em lugares de estratégia, ora realizando táticas em espaços de transgressão. Ao assumir essa dinamicidade no cotidiano é possível compreender aspectos relacionados à dinâmica das práticas sociais e suas articulações com cenários que as circunscrevem. Neste estudo buscamos aproveitar esse potencial ao adotarmos os conceitos aqui tratados com foco na dinâmica cotidiana dos espaços sala de aula, nos quais são produzidas diferentes apropriações por parte dos docentes, em práticas articuladas em estratégias e táticas específicas.

A abordagem aqui adotada é convergente com a proposta de Duran (2007a), que sugere o estudo das práticas dos professores considerando um exercício de “não poder”, isto é, as maneiras astuciosas que os professores lidam com as ordens estabelecidas em um lugar próprio, tais como as políticas de educação, o conteúdo pedagógico paradigmático e, no caso deste estudo, o espaço sala de aula. Entendemos a sala de aula como um espaço de construção social (NOVELLI, 1997), no qual a configuração física articula padrões de comunicação, relações interpessoais e noções de poder, conforme aponta Teixeira e Reis (2012).

Na área da pedagogia outros estudos assumem essa abordagem, com foco em diversos aspectos do ensino, não necessariamente o espaço sala de aula. Por exemplo, Almeida e Neto (2015) estudaram as diferentes táticas utilizadas por professores, dado a implantação das lousas digitais interativas (LDI). Esse trabalho evidenciou que alguns professores teceram maneiras de “evitar” a ferramenta, fazendo uso de sua “arte de fazer” na sala de aula. Também utilizando contribuições de Certeau (2007) para compreender a vida cotidiana escolar, Duran (2012) defendeu o uso dos conceitos de estratégia, tática, lugar e espaço, para investigar as diferentes apropriações relativas à dinamicidade que envolve a constituição do currículo escolar e sua aplicabilidade na sala de aula. No campo dos estudos organizacionais, Junquillo, Almeida e Leite da Silva (2012) adotam as contribuições de Certeau (2007) para tratar a gestão escolar como uma prática social, em virtude da diversidade e a dinamicidade das estratégias e táticas exercidas pelos gestores ao lidarem com as práticas na gestão das escolas públicas.

Esses e outros exemplos ilustram a adoção das contribuições de Certeau (2007) em diferentes estudos com focos distintos. A despeito de não se voltarem para o foco deste artigo, fica clara a convergência entre tais estudos e o objetivo que buscamos. Mas o foco da investigação deste estudo é especificamente a sala de aula como um espaço socialmente organizado, no qual professores atuando em disciplinas de cursos de mestrado e doutorado em Administração fazem a articulação de seus conteúdos e das exigências para com o exercício de sua função. Para realizar esta investigação seguiremos o percurso metodológico apresentado a seguir.

5. Metodologia

O objetivo e a base teórica desta pesquisa indicam a coerência em assumirmos uma postura qualitativa em relação à coleta e tratamento dos dados.

Como técnicas de coleta de dados optamos por utilizar observação participante (MALINOWSKI, 1978) e entrevistas semiestruturadas (FONTANA; FREY, 2011). Por meio da observação participante foi possível participar do cotidiano investigado e registrar o que foi vivenciado bem como narrações dos sujeitos de pesquisa (SERVA; JUNIOR, 1995). Neste caso, dois dos autores do artigo, que são alunos de um dos cursos de pós-graduação investigados, realizaram observação participante, entre os meses de março e junho de 2016, em quatro disciplinas. O registro desta convivência pesquisador/pesquisados foi feito em um diário de campo, no qual os pesquisadores narraram os fatos, imersos as dinâmicas sociais existentes (CAVEDON, 2014). As observações participantes nas quatro disciplinas foram distribuídas da seguinte maneira: a) Métodos quantitativos, com 30 horas observadas; b) Poder, diferença e subjetividade, com 12 horas observadas; c) Métodos Qualitativos, com 30 horas observadas; d) Espaço e Tempo nas Organizações, com 30 horas observadas.

As entrevistas semiestruturadas foram baseadas em um roteiro. Sua flexibilidade permitiu avançar, no decorrer das entrevistas, sobre assuntos específicos surgidos durante as próprias entrevistas, de maneira a entender pontos específicos evidenciados pelos entrevistados (FONTANA; FREY, 2011). Foram realizadas entrevistas com os docentes responsáveis pelas quatro disciplinas acompanhadas por meio da observação participante. O intuito foi articular a reflexividade no processo de entrevista (HSIUNG, 2008), isto é, confrontar os entrevistados com as práticas que talvez eles mesmos não dirigissem importância ou intencionalidade específica para com a situação cotidiana.

A coleta de dados foi delimitada às aulas ministradas por docentes do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), com ênfase nas quatro disciplinas já mencionadas. Escolhemos o referido *locus* e as quatro disciplinas por termos recebido a autorização dos docentes para realizar a pesquisa ao longo delas e por eles se disponibilizarem a conceder as entrevistas. Além disso, essas disciplinas apresentam diferenças contextuais que permitem enriquecer a discussão sobre a apropriação do espaço em termos, também, dessas diferenças: a) as disciplinas de Métodos Qualitativos e Espaço e Tempo nas Organizações foram ministradas pelo mesmo professor, nos possibilitando confrontar diferenças quanto às apropriações relacionadas às condições contextuais e conteúdos em que estão articuladas as duas disciplinas; b) as duas disciplinas de metodologia são obrigatórias a todos os alunos, enquanto as outras duas foram ofertadas de maneira optativa, permitindo considerar as relações entre esses contextos na dinâmica de apropriação do espaço. Pelo exposto, o grupo de sujeitos de pesquisa entrevistados e, ao mesmo tempo, de informantes da observação participante, foi composto por três professores, denominados aqui de Professor A, B e C.

Os dados foram tratados por meio da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2006), com as categorias temáticas limites físicos e metodologias definidas *a priori* e a categoria linguagem definida *a posteriori*. O intuito foi permitir a análise dos dados, na medida em que eles foram agrupados de acordo com temáticas específicas que perpassam o objetivo proposto. A definição de categorias *a priori* foi concebida a partir da base teórica adotada e as categorias *a posteriori* foram desenhadas durante o próprio tratamento dos dados, de acordo com os dados obtidos. Com base no conjunto dessas categorias produzimos a análise apresentada a seguir.

6. Limites físicos e ocupação do espaço: somos todos iguais, ou não!

A produção do espaço sala de aula apresenta-se como uma categoria importante de análise para compreender o cotidiano envolvendo o ensino em virtude da própria importância dada a esse espaço pelos praticantes do ensino. Essa importância ficou clara quando o Professor C se manifestou sobre as diferentes formas de uso do espaço sala de aula e suas diferentes significações:

O espaço reflete muitas coisas quando a gente está utilizando para uma sala de aula. Em geral quando a gente pensa, principalmente nos modelos tradicionais de sala de aula, que a gente usa mais na graduação, que é este modelo meio assembleia, né? Quando tem o pessoal todo em volta do professor mostra uma forma pedagógica de você atuar com relação à disciplina e acho que reflete também o teu posicionamento enquanto professor, né? Claro que isso não é a única coisa que vai refletir e também não é sempre que a gente consegue trabalhar com o espaço que a gente tem disponível da maneira como a gente gostaria. Depende tudo de quantas pessoas você tem, né? De como [são] os recursos que a sala te disponibiliza. Como que você vai poder comportar e se locomover (Professor C).

A partir da fala do Professor C podemos observar que a utilização do espaço sala de aula é influenciada por fatores como a quantidade de alunos ocupando a sala, os recursos disponíveis, o fato de aula ser ministrada para a graduação ou pós-graduação, os objetivos da disciplina e também o posicionamento do professor enquanto profissional. Além desses fatores, as demais entrevistas nos permitiram afirmar sobre a influência do formato da sala, pois quando ela é mais larga e curta o aluno está mais próximo do professor, facilitando a interação entre eles e interferindo na maneira que docente e discente se relacionam. Entretanto, no trecho a seguir, o Professor A, apesar de reconhecer relações com esses aspectos concretos, tais como número de alunos, e dimensão da sala, destaca o papel do objetivo do docente no uso do espaço:

Isso depende de várias coisas. Primeira é quantos alunos eu tenho [em] sala, né? Então, por exemplo, uma sala com 42 não há espaço físico pra uma configuração diferente de linha, né? Uma sala com 15, 16 já é possível outra configuração que não seja essa. Acima disso aí também já começa a ficar complicado. Mas [...] o espaço físico não é função na verdade [...] e sim como que você quer conduzir a aula (Professor A).

Ou seja, o professor se posiciona em um lugar privilegiado de poder, ele articula práticas em estratégias referentes ao ensino que não se limitam às questões concretas da sala, mas que não são simplesmente ignoradas. Ao mesmo tempo, as maneiras de fazer relativas ao ensino, além de também não se limitarem às questões concretas, também não se limitam às estratégias. As escolhas de como o docente “quer conduzir a aula” também envolvem as táticas. Observamos a dinâmica destacada por Certeau (2007), na qual um mesmo sujeito se insere em práticas em estratégias e táticas, pois ao ser

praticado um lugar do poder oferece oportunidade para sua própria transgressão, e isso ocorre na sociedade, bem como nas salas de aula investigadas.

Durante as observações ficou claro que uma vez consciente do objetivo da disciplina e de como os alunos devem interagir, o professor determina uma estratégia de utilização do espaço para conduzir a aula, mas nem sempre isso segue os parâmetros esperados de uma sala de aula típica. Em uma das disciplinas ministradas pelo Professor C, por exemplo, os pesquisadores vivenciaram na observação participante a experiência de serem conduzidos, algumas vezes, em conjunto com os demais discentes da disciplina, para um gramado externo à sala de aula, próximo a um lago. Nesse caso o professor usa a autonomia e o lugar privilegiado de poder para decidir aonde será ministrada a disciplina, deslocando o espaço sala de aula. Entretanto, ao realizar esse deslocamento ele foge dos parâmetros institucionalizados e estabilizados de como docentes e discentes devem proceder no espaço, remetendo a uma nova produção do mesmo.

Ao ampliar os limites físicos do espaço sala de aula, para além das quatro paredes do prédio, o Professor C leva a uma (re)produção desse espaço e subverte práticas tradicionais, institucionalizadas, e predominantes de ensino da administração nos cursos de mestrado e doutorado em administração na UFES. Tal ação não foi evidenciada por parte de nenhum outro professor durante a coleta de dados, todos os demais, em termos dos limites físicos do espaço sala de aula, restringiram-se ao limite institucionalizado das quatro paredes dos prédios da UFES. Deve ficar claro que não há total ruptura com o que está institucionalizado, o planejamento da aula realizada pelo Professor C, a partir de sua autonomia e objetivos didáticos, está no campo da estratégia. As táticas surgem nos interstícios da operacionalização cotidiana desse planejamento, exigindo astúcias que articulam elementos da estratégia, mas não se limitam a ela. A produção do espaço, portanto, vem da dinâmica entre estratégias e táticas, não pertence somente a uma ou a outra.

Em fim, ficou evidente que os professores utilizaram de suas “artes de fazer”, reconfigurando os limites físicos ou a ocupação física do espaço sala de aula na produção desse espaço, ao praticarem sua maneira de ensinar. Como destaca Teixeira e Reis (2013), a configuração física da sala de aula indica potenciais recursos de melhorias no processo de aprendizagem, indicações de posições de poder e flexibilização do processo de comunicação. Especificamente em relação a esse último, identificamos um aspecto associado à produção do espaço sala de aula que vai muito além dos limites físicos ou da ocupação concreta do espaço: a linguagem ordinária, com implicações sobre vários aspectos dessa produção.

7. A linguagem: “aí é cada um pra si e Deus pra todos!”

Durante o processo de observação nas aulas ministradas pelos professores, foi possível identificar a relevância do uso da linguagem na produção do espaço sala de aula. Essa relevância vai ao encontro do que Certeau (2007) identificou em suas investigações ao destacar o papel da linguagem ordinária na composição do cotidiano. Nas notas de campo evidenciamos diversas oportunidades esporádicas nas quais os docentes fazem o uso astucioso da linguagem, afastando-se do formalismo e dos jargões acadêmicos na direção do comum, do ordinário, em uma tática que chama a atenção dos alunos e marca o espaço sala de aula pelo imprevisível do que será dito em seguida. Além dos temas dos textos acadêmicos a serem lidos e programados para aquele dia de aula, qualquer coisa poderia ser dita, sobre qualquer assunto, e de maneiras inusitadas ou não, tudo depende do praticante e do oportunismo relativo ao momento.

Aqui temo o uso da linguagem como uma possibilidade tática, de transgressão e ruptura com um dado lugar de poder estabelecido (CERTEAU, 2007), no qual se institucionaliza bases formais e, supostamente, científicas do uso da linguagem no ensino da administração. Notamos durante as aulas que o professor A se utilizava em vários momentos desses artifícios que dispersavam os alunos da aula. Essa dispersão poderia ser pensada como negativa em termos do processo de ensino, mas parecia deliberada, apesar de ocorrer de maneira esporádica e em momentos inesperados. Questionado sobre esse uso da linguagem durante a entrevista o professor respondeu:

(Risada) Ah, aí é cada um pra si e Deus pra todos! [...] Sabe assim, é... turma grande em geral a chance da pessoa se perder é muito grande, né? [...] queira a gente ou não tem muita gente que precisa de metáfora, né? [...] Aí você fala uma coisa fora do duro do conteúdo ali [...] A questão da piada, apesar de fazer bastante piada na sala de aula, tomo muito cuidado só com piada que não pode fazer mas faço muito é que 4 aulas direto, 4 horas de aula é muito! (Professor A).

Em relação à aula do Professor B a formalidade se fez mais presente, mas nos momentos de apresentar exemplos para contextualizar o conteúdo ele se utiliza de uma linguagem mais próxima da informalidade para abordar assuntos polêmicos, principalmente relacionados à diversidade nas organizações. Diferentemente do Professor A, após a explanação de um conteúdo teórico, baseado em um texto acadêmico, o mesmo utiliza algum exemplo próximo do mundo ordinário dos termos informais. Ao ser indagado sobre esse processo, que mesclava de maneira organizada a linguagem na sala de aula, o professor o explicou com base na temática das questões sobre gênero:

No senso comum você é forçado a pensar sobre isso [questões de gênero] o tempo inteiro. Então o que acontece quando eles [os alunos] vêm pra minha disciplina é que esse senso comum é um pouco desconstruído. Eu acho que de início eles ficam meio desestabilizados. Porque ficam até questionando, já que começa a trabalhar com identidade, até “quem eu sou”, entendendo? (risos). [...] Começa a colocar em xeque até as crenças já que eram fundamentadas, naturais [...] Então assim, os conceitos são mesmo um vocabulário acadêmico. O que eu faço pra tentar é, digamos, aproximá-las de uma certa forma de uma materialidade. É trazer coisas do dia a dia que são realidades pra elas conseguirem enxergar aqueles conceitos [...] dentro daquelas coisas do dia a dia. (Professor B).

Fica claro que o professor se mantém dentro de um lugar de poder estabelecido, do qual práticas inseridas em estratégias são articuladas para contribuir para o processo de ensino dentro uma lógica previsível dos seus efeitos. No caso, os alunos e o professor esperam que a exemplificação por meio de uma linguagem próxima ao cotidiano dos alunos, facilite a compreensão da desconstrução de concepções de “senso comum” em relação a uma determinada temática, para ressaltar e ampliar a compreensão das concepções acadêmicas sobre o assunto.

O entendimento de que esse uso da linguagem se refere a uma estratégia que pode contar com o cálculo de relações de forças determinadas e com efeitos previstos se reforça quando observamos o Professor C. Durante o processo de observação foi possível identificar o uso de uma linguagem mais “jovem” em contraposição a momentos de utilização de uma linguagem mais formal e acadêmica, com o intuito de estabelecer uma relação mais próxima com os alunos. Quando questionado sobre esses usos o Professor C mencionou que a utilização da linguagem não é exatamente

“espontânea”, pois ele a utiliza com o intuito de receber certos retornos específicos, de maneira sistemática.

Já quebrei muito a cabeça com isso. Assim, se usa gíria em sala de aula, né? De que forma você se refere às coisas? Fala um palavrão de vez em quando? [...] Acho que até hoje não cheguei a um consenso e me encontrei. [...] Então, a minha forma de usar a linguagem, não só a linguagem verbal, mas a linguagem corporal também, né? Ela não é algo assim... espontânea. Ela é um uso consciente e um exercício com o qual eu vou aprendendo e aí eu vejo “olha, em tal aula isso funcionou!”. Aí eu replico isso mais adiante, entendeu? [...] Se eu acho que determinado estímulo não está funcionando, eu não vou mais replicar ele [...] é quase que uma coisa teatral, né? Você vai vendo se aquilo tem resposta: se a piada foi engraçada, se o link que você fez funcionou, se as pessoas responderam aquilo que você queria que elas respondessem. Senão você vai retomando e aí nas próximas aulas você vai adequando. Não é algo ocasional (Professor C).

Entretanto, essa manifestação também indica que existem transgressões no uso da linguagem por parte do Professor C, como também deve haver por parte de todos os professores, mas de diferentes maneiras, e nem todas foram aqui identificadas. Essas transgressões surgem em táticas articuladas nos elementos acima mencionados, justamente por eles pertencerem ao âmbito das estratégias. Por exemplo, foi observado que o Professor C se utiliza de situações momentâneas, imprevisíveis, para romper a lógica tradicional da linguagem formal na sala de aula, em favor de uma maior proximidade com o vocabulário utilizado pelos alunos. A escolha (tática) do momento de uso de uma expressão coloquial, um “palavrão” e seus efeitos envolvem oportunismos imprevisíveis, mesmo estando ligado a um planejamento deliberado (estratégico) que prevê resultados positivos no processo de ensino, quando o professor se aproxima da linguagem do aluno. Há aqui o embate típico entre estratégias e táticas cotidianas destacadas por Certeau (2007), que não são da ordem da busca da eliminação de uma pela outra, mas do estabelecimento de uma justaposição, por meio da transgressão de elementos da primeira por parte da segunda, de maneira que ambas coexistem.

Em suma, por meio dessa dinâmica fica clara a existência de certa liberdade por parte do professor, como já observado por Duran (2008). No caso deste estudo essa liberdade se reflete na produção do espaço sala de aula como mais ou menos familiar ao aluno, bem como, mais ou menos previsível quanto ao que ele espera de uma interação em sala de aula, mesmo quando o imprevisível seja familiar a ele, pois pode não ser o que ele previa para aquele contexto. Tais efeitos marcam a produção do espaço sala de aula e são consequências de tentativas de aproximar os alunos dos conteúdos, desconstruir “sensos comuns”, diferenciar e ampliar a compreensão sobre conhecimentos acadêmicos.

8. As metodologias de ensino: técnicas que marcam o espaço

Com base na análise dos dados destacamos três aspectos que influenciam os professores quanto à adoção das metodologias de ensino: o efeito da metodologia em aulas anteriores; o número de alunos em sala de aula; e o fato da disciplina ser obrigatória ou optativa.

No trecho a seguir o professor A reconhece que para atingir o objetivo de uma aula ele experimenta determinada dinâmica, se ela não funcionar ele pode tentar outra, mas que em caso de insucessos seguidos há uma tendência de voltar ao que ele chamou de padrão, a “a aula expositiva”, na qual o professor fala e o aluno escuta.

Às vezes você separa uma dinâmica, [imitação dos alunos desestimulados] aí você faz outra, [imitação dos alunos desestimulados] e falo “Oh, vou voltar ao padrão: eu falo você ouve, né? Porque não funcionou desse jeito” (Professor A).

O professor reconhece sua inserção em um lugar de poder que lhe dá legitimidade para experimentar o uso de diferentes metodologias de ensino, bem como adotar uma metodologia reconhecida como tradicional, de acordo com os efeitos obtidos com a metodologia experimentada em aulas anteriores.

Outro motivo que se relaciona com a definição da metodologia de ensino utilizada é o número de alunos e o limite físico do espaço sala de aula. Os professores afirmaram que quando a turma é grande, dependendo do tamanho da sala, a única formação possível para as cadeiras é a de filas, levando à tendência de se adotar aulas expositivas centradas no professor ou em alunos apresentando conteúdos em frente à turma. Especificamente em relação a essa tendência e possivelmente influenciado por efeitos obtidos em aulas anteriores, o professor C ilustra a busca por levar a uma maior participação dos alunos. Ele defende manter em frente à turma, que permanece nas carteiras enfileiradas, o grupo encarregado de apresentar determinado conteúdo. O intuito é fomentar a participação entre os membros do grupo e a turma sobre determinado conteúdo.

Então assim, eu tentei burlar um pouco isso, trazendo o pessoal do grupo pra frente e mantendo eles na frente à aula inteira. Porque se eu liberasse eles para sentar lá trás, ia ter um monte de gente que ia se esconder e ia continuar sem falar nada depois da apresentação. Então esta foi uma maneira de eu tentar fazer com que eles participassem (Professor C).

Na manifestação do Professor A, a seguir, ele deixa claro que o grande número de alunos prejudica até o uso dessa alternativa e destaca que no futuro não fará mais uso dela. Aparentemente ele vai adotar apenas a aula expositiva para tratar das leituras dos textos. Reforçando esse entendimento nas notas de campo podemos observar que quando existe um grande número de alunos o professor utiliza métodos tradicionais de ensino, como aula expositiva em que apenas ele expõe o conteúdo e/ou avaliação, como provas após acumular determinada quantidade de conteúdo.

Então, por exemplo, essa coisa do “uma leitura valendo ponto” é pra quase qualquer disciplina. Eu não farei isso no próximo período porque com 42 [alunos] aí não tem Cristo que merece (Professor A).

Fica claro que dentro da estratégia referente à definição dos métodos de ensino os professores levam em consideração o número de alunos, em conjunto com a avaliação dos efeitos do uso de métodos em aulas anteriores com o mesmo número de alunos, ou seja, os dois aspectos se relacionam.

Um terceiro aspecto, também relacionado com os outros dois, que se destacou nessa definição dos métodos de ensino é a natureza da disciplina: optativa ou obrigatória. Como se observa em um trecho da entrevista do Professor C.

Na optativa você tem um outro índice de interesse que vem de todo mundo [...] Então assim, vai ter uma conexão com o aluno. É diferente de uma conexão de uma disciplina obrigatória. Então eu tento de alguma maneira criar um seminário em que ele tenha um espaço para falar alguma coisa, mas é muito mais difícil do que quando você está lidando com turmas mais restritas e que realmente o cara está lá porque ele quer (Professor C).

Essa afirmativa deve ser interpretada ao se considerar também que observamos um número muito maior em disciplinas obrigatórias do que nas optativas. Portanto, além de termos a questão do aluno estar lá “porque ele quer”, afetando a definição do método de ensino, como mencionado pelo Professor C, temos que reconhecer que nessas turmas também há um menor número de alunos, aspecto já mencionado anteriormente.

Em conjunto, os três aspectos aqui discutidos, o efeito da metodologia em aulas anteriores, o número de alunos em sala de aula, e o fato da disciplina ser obrigatória ou optativa, interferem na escolha dos métodos de ensino no espaço sala de aula que afeta nos usos desse espaço e, conseqüentemente, a produção do espaço. Essa dinâmica da produção do espaço sala de aula passa pelas estratégias apresentadas nesse tópico, assim como pelas estratégias e táticas descritas nos tópicos anteriores, relacionadas com os limites físicos e a ocupação do espaço e os usos da linguagem. Em conjunto, as estratégias e táticas levam à produção de um espaço sala de aula distinto para cada disciplina e professor, com alguns aspectos comuns e outros que os diferenciam claramente. Portanto, é possível questionar aqui uma visão singular sobre o espaço de uma sala de aula e defender uma visão plural, na qual um mesmo limite físico, entre quatro paredes ou não, comporta múltiplas produções.

9. Considerações finais

O objetivo deste estudo consiste em discutir a apropriação do espaço sala de aula, em disciplinas dos cursos de Mestrado e Doutorado em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo. Foram adotadas contribuições de Certeau (2007) para nortear a análise da vida cotidiana na sala de aula em um curso de pós-graduação *strictu sensu*, de modo a compreender as diferentes produções do espaço sala de aula, por parte dos docentes investigados.

Observamos diferentes maneiras de apropriação e significação do espaço sala de aula por parte dos docentes, para discuti-las as organizamos em três temas básicos: a) limites físicos e ocupação do espaço; b) a linguagem; c) as metodologias de ensino. Como visto, identificamos diferentes práticas, inseridas em estratégias e táticas (CERTEAU, 2007), utilizadas pelos professores, relacionadas com o lugar de poder estabelecido no curso de pós-graduação *strictu sensu* referente às escolhas que interferem no espaço sala de aula. Essas práticas distintas foram utilizadas pelos professores que evidenciaram certa liberdade de ação (DURAN, 2007b) na produção do espaço sala de aula. Isso evidencia uma contribuição deste artigo: a coerência em se abordar o cotidiana dos contextos sala de aula para analisar a produção dos espaços no ensino da pós-graduação *stricto sensu* em Administração.

Em relação aos usos relacionados com o limite físico e a ocupação da sala observamos diferentes maneiras de fazer, voltadas para a produção de um espaço sala de aula que se aproxime dos objetivos desejados pelos professores nas disciplinas que ministram, como por exemplo: dividir os alunos em grupos para que eles discutam e debatam a matéria e só no final o professor complementa o tema; mudar de lugar nas diferentes apresentações dos seminários ou utilizar outros espaços físicos.

Quando analisamos o uso da linguagem evidenciamos que os professores utilizam deste artifício para estabelecer um diálogo mais próximo com os alunos, lidar com momentos de tensão durante a aula e romper com o senso comum.

Sobre o uso de diferentes metodologias de ensino observamos que ele envolve a definição dessas metodologias em torno de diversos aspectos, dentre os quais evidenciamos: o efeito da metodologia em aulas anteriores; o número de alunos em sala de aula; e o fato da disciplina ser obrigatória ou optativa. Observamos que os três

aspectos interferem na interação entre professor e aluno, em torno do conteúdo que o professor deseja trabalhar e de como ele deseja fazer isso.

Com base no que foi aqui apresentado, com foco na investigação da produção do espaço sala de aula, defendemos que a proposta adotada neste estudo, de tratar o ensino em Administração a partir do cotidiano no espaço sala de aula, possui potencial para ampliar a compreensão de diversos aspectos relacionados com o ensino em Administração, que não foram aqui tratados, tais como: as discussões sobre currículo (CEZARINO; CORREA, 2015) e capacidade dos docentes (PERRENOUD, 2000).

Cabe destacar a limitação deste artigo em ouvir as vozes dos alunos apenas pela observação participante, sem entrevistá-los. Em virtude disso a discussão ficou centrada nas apropriações do espaço por parte dos docentes e não nos referimos às articulações que envolvem outros sujeitos, tais como, discentes e coordenadores de cursos. Para tanto, sugerimos estudos posteriores que possam preencher estas lacunas e ampliar o debate em torno destas questões.

Por fim, acreditamos que a contribuição principal deste estudo foi evidenciar como se manifesta certa liberdade das “artes de fazer” dos professores, ao produzirem diferentes espaços sala de aula, articulando os limites físicos, as ocupações, os usos de linguagem e aplicações de metodologias. As reflexões apresentadas podem contribuir para discussões futuras sobre o ensino, mesmo fora do contexto da pós-graduação em Administração, não no sentido de uma generalização, mas no sentido de fomentar discussões a partir deste estudo, considerando que essas reflexões surgiram a partir da abordagem do cotidiano no espaço sala de aula. Uma abordagem defendida aqui como tendo o potencial para ampliar a compreensão sobre os mais diversos aspectos relacionados ao ensino em estudos futuros. A despeito de não ser uma novidade, a abordagem ainda é pouco adotada, mas acreditamos que neste artigo evidenciamos seu potencial e abrimos espaço para a discussão da ampliação do seu uso em estudos sobre o ensino, tanto na área de Administração como em outras áreas do conhecimento.

Os autores agradecem à FAPES, à CAPES e ao CNPQ pelo apoio financeiro.

10. Referências

- ALCADIPANI, R; BERTERO, C. O. Uma escola norte-americana no ultramar? Uma historiografia da EAESP. *Revista de Administração de Empresas*, v. 54, n. 2, São Paulo, mar/abr, p. 154-169, 2014.
- ALMEIDA, J. A. M. de; PINTO NETO, P. C. . A lousa digital interativa: táticas e astúcias de professores consumidores de novas tecnologias. *Etd. Educação Temática Digital*, v. 17, p. 394-413, 2015.
- AUGÉ, M. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 2012.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2006.
- CARRIERI, A. de P.; PERDIGÃO, Denis Alves; AGUIAR, Ana Rosa Camillo. A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. *Revista de Administração*, v. 49, n. 4, p. 698–713, 2014.
- CAVEDON, N. R. Método etnográfico: da etnografia clássica às pesquisas contemporâneas. In: SOUZA, E. M. *Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual*. Vitória: EDUFES, 2014.

- CEZARINO, L. O; CORRÊA, L. Interdisciplinaridade no ensino em Administração: visão de especialistas e coordenadores de cursos de graduação. *Administração: ensino e pesquisa*, v. 16, n. 4, Rio de Janeiro, out/dez, p. 751–784, 2015.
- CHANLAT, J. F. Space, organization and management thinking: a socio-historical perspective. IN: CLEGG, S.R; KORNEBENGER, M. (Eds). *Space, organizations and management theory*. Liber& Copenhagen Business School Press, 2006.
- CHANLAT, J.F. O ser humano, um ser espaço temporal. In: CHANLAT, J.F. *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. V.3 São Paulo: Atlas, 2010.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Vozes, 2007.
- DURAN, M. C. G.. Ensaio sobre a contribuição de Michel de Certeau à pesquisa em formação de professores e trabalho docente. *Educação & Linguagem*, v. 15, p. 117-137, 2007.
- DURAN, M. C. G. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. *Revista Diálogo Educacional (PUCPR)*, v. 7, p. 115-128, 2007.
- DURAN, M. C. G. Uma leitura do cotidiano escolar com Michel de Certeau. *International Studies on Law and Education*, v. 12, p. 43-48, 2012.
- FANTINEL, L. D; CAVEDON, N. R. A cultura organizacionais do restaurante Chale da Praça XV em Porto Alegre: espaços e tempos sendo revelados. *Revista de Administração Mackenzie*, v. 11, n. 1, São Paulo, jan/fev, p. 6-37, 2010.
- FARIA, A. M; SILVA, A. R.L. Quando a estratégia como prática encontra com a política pública de turismo : o contexto de um sindicato e de empresas associadas do turismo gastronômico no espírito santo. *Teoria e Prática em Administração*, v. 5, n. 2, 2015, p. 72-100.
- FISCHER, T. Uma luz sobre as práticas docentes na pós-graduação: a pesquisa sobre ensino e aprendizagem em administração. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 10, n. 4, p. 193-197, 2006.
- FONTANA. A.; FREY, J.H. The interview: From Neutral Stance to Political Involvement. IN: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.) *The Sage Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks: Sage, 2011.
- GARCIA, A.; OLIVEIRA, I. B. de. Políticas e discursos de formação docente: a produção cotidiana de sentidos do “Ser-Professor”. *Revista Espaço do Currículo*, v. 3, n. 2, p. 522–534, 2011.
- GOULART, I. C. V. Entre o espaço de ensino e a formação docente: práticas de leitura e escrita. *Revista de Educação PUC-Campinas*, v. 18, n. 2. Campinas, mai/ago, p. 211-222, 2013.
- HSIUNG, P.. Teaching reflexivity in qualitative interviewing. *Teaching Sociology*, v. 36, n. 3, p. 211–226, 2008.
- IPIRANGA, A. S. R. A cultura das cidades e seus espaços intermediários: os bares e os restaurantes. *Revista de Administração Mackenzie*, v. 11, n. 1. São Paulo, jan/fev, p. 65-91, 2010.
- JUNQUILHO, G. S.; ALMEIDA, R. A. de; SILVA, A. R. L. da. As “ artes do fazer ” gestão na escola pública : uma proposta de estudo. *Associação Nacional de Política e Administração da Educação - ANPAE*, p. 329–356, 2012.

- LEFEBVRE, H. La producción del espacio. *Papers Revista de Sociologia*, Barcelona, ano 2, n.3, p.219-229, 1974.
- MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MARANHÃO, C. M. S. de A. Indústria Cultural e Semiformação: análise crítica da formação dos administradores, 2010. 250f. Tese (Doutorado em Administração), Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Abril. 2010.
- NOVELI, P. A sala de aula como espaço de comunicação: reflexões em torno do tema. *Interface — Comunicação, Saúde, Educação*, v.1, n.1, 1997.
- PERRENOUD, P. *Dez novas competências para ensinar*. Tradução de P. Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- PLEBANI, S.; DOMINGUES, M. J. C de S. A utilização dos métodos de ensino: uma análise em um curso de Administração. *Revista ANGRAD*, v. 10, n. 2, abr/jun, p. 53-72, 2009.
- POLLI, M. et al. Análise das inteligências múltiplas dos graduandos do Curso de Administração da Universidade Regional de Blumenau. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, v. 7, n. 1, p. 1-13, 2008.
- RIBEIRO, D. A.; SACRAMENTO, A. R. S. Ensino e currículo em Administração: a opção brasileira. *Revista Gestão e Planejamento*, v. 10, n. 2, Salvador, jul/dez, p. 193-205, 2009.
- SILVA, A. R. L. da; CARRIERI, A. De P. ; SOUZA, E. M. de. A Constructionist Approach for the Study of Strategy as Social Practice. *Brazilian Administration Review*, v. 9, n. spe, p. 1–18, 2012.
- SILVA, A.L. da; CARRIERI, A. de P.; JUNQUILHO, G. S. Organizações : Articulações Entre Representações Sociais , Estratégias E Táticas Cotidianas. *Revista de Administração*, v. 46, n. 2, p. 122–134, 2011.
- SILVA, J.; CAVEDON, N.; Micropolíticas das práticas cotidianas: etnografando uma organização circense. *RAE Sao Paulo*, v. 53, n. 2, p. 156–168, 2013.
- SILVA, K. F. da; LYRIO, K. A; MARTINS, N. S. Michel de Certeau e a educação. *Pró-Discente: Caderno de Produções Acadêmico-Científicas do Programa de Pós-Graduação em Educação*, v. 17, n. 2, Vitória/ES, jul/dez, 2011.
- SERVA, M.; JAIME JUNIOR, P. Observação participante pesquisa em administração: uma postura antropológica. *Rev. adm. empres. [online]*. 1995, vol.35, n.3, pp. 64-79. ISSN 0034-7590.
- SOUZA, S. P; WAIANDT, C; JUNQUILHO, G. S. Administração: embates da profissão e a produção de um campo de trabalho. *Revista Administração em Diálogo*, v. 17, n.3, São Paulo, set/dez, p.129-148, 2015.
- TEIXEIRA, M. T.; REIS, M. F. A Organização do Espaço em Sala de Aula e as Suas Implicações na Aprendizagem Cooperativa. *Meta: Avaliação*, v. 4, n. 11, p. 162–187, 2012.
- XAVIER, W. S. et al. O imaginário dos mascates e caixeiros- viajantes de Minas Gerais na formação do lugar, do não lugar e do entrelugar. *Revista de Administração*, v. 47, n. 1, São Paulo, jan/mar, p.38-50, 2012.